

## **Referência Nominal na Narrativa Oral e Escrita aos Dez Anos de Idade**

HANNA J. BATÓREO

(Universidade Aberta e Laboratório de Psicolinguística (FLUL))

ARMANDA COSTA

(Departamento de Linguística Geral e Românica e Lab. de Psicolinguística (FLUL))

### **Aspectos linguísticos e cognitivos na aquisição da narrativa.**

A capacidade de utilização da linguagem como o seu *próprio* contexto, tem sido apontada, entre outros<sup>1</sup>, por Hickmann<sup>2</sup>, como uma componente indispensável da competência nativa da criança que adquire a sua língua materna. Independentemente do idioma em aquisição, a criança tem que aprender a utilizar diversos meios linguísticos para produzir um discurso coerente e eficaz do ponto de vista comunicativo, em situações nas quais não pode partilhar o conhecimento contextual. A investigação desenvolvida nesta área tem dado destaque especial à capacidade revelada pelas crianças para interpretar os determinantes definidos e indefinidos, em relação à distinção semântica da referência específica versus não-específica e à distinção pragmática entre a informação dada e a informação nova<sup>3</sup>. Este tipo de pesquisa implica o estudo da referência nominal, evidenciando os problemas com que a criança é confrontada durante o processo de aquisição, e que podem variar de língua para língua, assim como mostrando que o desenvolvimento da coesão do discurso depende tanto dos factores linguísticos de carácter geral como dos específicos da língua em aquisição. Os estudos interlinguísticos desenvolvidos nos anos oitenta (Givón, 1983 e Tomlin, 1987, entre outros) mostraram a existência de princípios universais da organização do discurso, o que exige uma interacção entre as propriedades intrafrásicas das expressões de referência (o seu conteúdo referencial, o seu papel proposicional) e as propriedades interfrásicas, sobretudo no grau de previsão dos referentes através das orações (como, p.ex., a designação do tópico ao longo do discurso).

Os estudos psicolinguísticos desenvolvidos nas últimas décadas apontam para a análise dos mecanismos de referência - pessoal, espacial e temporal - (Cf. Hickmann, 1995) como crucial para a área da aquisição da linguagem e demonstram ser legítimo defender que qualquer modelo da aquisição precisa de ter em conta os seguintes fenómenos: (1) a aquisição relativamente tardia das capacidades discursivas, (2) o interrelacionamento dos processos enunciativos e discursivos ao longo do processo da aquisição e (3) a combinação dos padrões gerais do desenvolvimento cognitivo com as estratégias linguísticas específicas<sup>4</sup>. Tem-se defendido, igualmente, que desde cedo as crianças se regem por factores linguísticos típicos das suas línguas maternas<sup>5</sup>, por exemplo, que têm mais facilidade de interpretação numa língua fortemente marcada, com uma morfologia rica, como o Polaco ou o Italiano, do que numa língua como o Inglês, em que a criança tem apenas a sua disposição a marcação sintáctica da ordem das palavras para exprimir as relações gramaticais pretendidas<sup>6</sup>. Os estudos desenvolvidos na área da compreensão demonstram que as crianças de todas as idades utilizam estratégias linguísticas que na sua língua materna se evidenciam como mais produtivas (Bates & MacWhinney, 1989). Isto significa que as crianças italianas ou polacas, por exemplo, se regem pela “força” e pela “validade” dos indicadores<sup>7</sup> de carácter morfológico e lexical, enquanto as crianças inglesas se baseiam nas possibilidades de expressão que a utilização da ordem das palavras lhes faculta.

Conforme evidenciado para o Português Europeu em Batoréo (1996), no processo da aquisição da sua língua as crianças portuguesas regem-se basicamente pelos indicadores de ordem semântico-lexical e morfossintáctica (tal como no caso das crianças polacas ou italianas, acima mencionadas), sem esquecer, no entanto, a importância do factor “ordem das palavras” (segundo a estratégia típica das crianças anglossaxónicas)<sup>8</sup>. O estudo da referência nominal no oral e no escrito fornecerá pistas que permitem relacionar graus de acessibilidade do referente e estratégias linguísticas de economia.

Segundo Chafe (1996), são factores importantes no estudo dos mecanismos de referência a capacidade de que o falante dispõe para identificar<sup>9</sup> o referente (*'identifiability'*) e a possibilidade de marcar o seu nível de acessibilidade (*'accessibility'*)<sup>10</sup> relativamente ao conhecimento partilhado ou inferido. A acessibilidade do referente prende-se com os graus de activação que mantém em memória que podem variar entre os extremos do activo e do inactivo, passando por vários estádios intermédios de activação parcial<sup>11</sup>. Ariel (1996), por sua vez, propõe uma escala de marcação do grau de acessibilidade do referente (*"The Accessibility Marking Scale"*), partindo dos princípios (Levinson, 1987 *apud* Ariel 1996), segundo os quais, ao expressar a referência, o falante escolhe para as entidades mais activas em memória as expressões mais despojadas<sup>12</sup>. Deste modo, a escala estuda-se desde a unidade mínima - a anáfora nula - até à expressão nominal mais definida. Se o falante seleccionar, por exemplo, um pronome em vez de anáfora nula, é sinal de que o referente não está maximamente activo, o que poderá motivar uma

interpretação disjunta. Seguindo este enquadramento teórico, aprender a usar os mecanismos referenciais no processo da aquisição do Português como língua materna significará, por conseguinte, dominar uma escala referencial que incorpora as propriedades sintácticas e semânticas que lhe são específicas. Na elaboração de um modelo mental da narrativa e das entidades que nela participam, o sujeito serve-se de mecanismos de referência nominal que servirão como pistas:

- do grau de proeminência que atribui, cognitivamente, às entidades participantes, determinante na modelização da narrativa em construção e
- do grau de facilidade de acesso das entidades em referência e natureza gramatical das expressões anafóricas seleccionadas.

### **A produção das narrativas aos dez anos de idade.**

Ao contrário do que acontece com a criança na idade pré-escolar, o estudo da capacidade narrativa da criança de dez anos abrange, forçosamente, dois registos diferentes: o oral e o escrito. Na sequência dos estudos desenvolvidos por Hildyard e Hidi (1985) defende-se que os sujeitos desta faixa etária começam a diferenciar as estratégias em função do registo utilizado. Definir esta diferença - utilizando, simultaneamente, indicadores de carácter linguístico e cognitivo, - torna-se urgente numa altura em que a criança portuguesa, aos dez anos, entra no segundo ciclo de escolaridade obrigatória depois de quatro anos de instrução formal no primeiro ciclo. O objectivo do presente estudo é, por conseguinte, determinar o carácter dos factores que entram na caracterização da produção narrativa oral e escrita, aos dez anos de idade, assim como verificar se existem, de facto, elementos diferenciadores dos dois registos nesta faixa etária.

Os estudos desenvolvidos dentro da área<sup>13</sup> apontam para a existência de estratégias cognitivas diferenciadas na organização do discurso e na escolha de marcadores linguísticos específicos na produção narrativa oral e escrita.

### **Desenho experimental.**

Na base deste estudo está o *Corpus* de Batoréo (1996), em que o grupo experimental é constituído por trinta crianças, metade rapazes e metade raparigas, dividido em três faixas etárias de cinco, sete e dez anos, com dez sujeitos em cada subgrupo. As crianças foram testadas na secção infantil, na escola primária e no ciclo de um colégio particular no centro de Lisboa. Confrontadas com o corpus adulto de controlo (trinta sujeitos), as produções infantis orais foram provocadas com dois estímulos visuais: a *História do Cão e do Gato* e a *História do Cavalo* (Cf. Hickmann, 1995). Para efeito do presente estudo tomaram-se em consideração apenas as narrativas orais da faixa etária dos dez anos. Quatro meses depois da recolha das narrativas orais efectuou-se uma recolha das narrativas escritas, utilizando o

mesmo desenho experimental. Reuniram-se, deste modo, as narrativas produzidas por seis crianças de dez anos. Cada criança produziu quatro narrativas: contou a *História do Cavalo e do Gato*, efectuando esta tarefa tanto oralmente como por escrito. Surgiram, assim, as vinte e quatro narrativas (doze orais e doze escritas) das seis crianças de dez anos que constituem o corpus do nosso estudo<sup>14</sup>. As narrativas orais estão transcritas segundo as regras do sistema CHILDES. Para a transcrição das narrativas escritas foi preciso propor uma série de regras de transcrição que permitisse transmitir toda a complexidade do discurso diferente do oral<sup>15</sup>.

O enquadramento experimental elaborado por Hickmann propõe o estudo da referência em narrativas produzidas por adultos e por crianças numa situação de ausência de conhecimento partilhado de uma história. Para provocar a produção das narrativas utiliza-se o estímulo visual (= "eliciting technique") constituído por duas pequenas histórias infantis sobre animais. No primeiro caso, - a *História do Cavalo* -, apresenta-se aos sujeitos testados uma série de cinco imagens que constitui uma história de interacção entre um cavalo, uma vaca e um passarinho. No segundo caso, - a *História do Gato* -, a série contém seis imagens relativas à vida de uma mãe pássaro e dos seus pequenos filhos, perturbada pela intervenção de um gato e de um cão. Embora o enquadramento geral da inserção dos personagens seja muito parecido em ambas as histórias, elas diferem quanto ao papel desenvolvido pelos vários animais. Na primeira história, é o cavalo que desempenha o papel principal. É ele que corre pelos prados até tropeçar na vedação que o separa da vaca, é ele que cai, que se magoa e acaba por ser socorrido pela vaca e pelo pássaro. Na segunda história, porém, é difícil decidir quem, de facto, desempenha o papel de protagonista principal. O título sugere que a história é sobre um gato, mas este não aparece na primeira imagem, onde surge apenas um pássaro com as suas crias. O gato aparece na segunda imagem procurando apanhar os passarinhos entretanto abandonados pelo pássaro-mãe. No entanto, o gato é desencorajado pelo cão que, ao puxar-lhe a cauda, não o deixa subir à árvore. Tanto o gato como o cão fogem, enquanto o pássaro-mãe volta às suas crias.

Ao comparar as duas sequências de imagens, verifica-se que elas diferem quanto ao modo como é definido o papel dos protagonistas, sendo nuclear, no primeiro caso, e mais diluído, no segundo. A primeira história é muito bem definida quanto à agencialidade. O cavalo começa como Agente para, apenas no fim, se tornar Paciente em relação aos outros dois animais. Na segunda história, o esquema agencial é mais complexo, permitindo, à partida, uma grande diversidade de perspectivas tanto quanto aos personagens como quanto aos acontecimentos a relatar. A estrutura narrativa de ambas as instâncias, ao pôr os participantes em competição, requer uma referência alternada, obrigando ao uso de mecanismo de elucidação da referência sob o risco de criação de ambiguidade, determinando a própria produção da narrativa. Por conseguinte, considera-se o tipo de história - *História do Cavalo* ou *do Gato* - como variável na análise da referência de carácter intradiscursivo, conforme defendido em Batoréo (1996).

### **Análise e discussão de dados.**

Levantaram-se as sequências referenciais existentes nas vinte e quatro narrativas orais e escritas reunidas no corpus da presente experiência. Analisaram-se, pormenorizadamente, as sequências que se reportam aos protagonistas principais: o CAVALO na primeira história e o GATO, na segunda.

Observaram-se três tipos de estratégias de manutenção da referência:

#### **(1) Recuperação lexical**

Lexema1 ---> Lexema1, Lexema 2 ou Lexema 3

"Era uma vez um *pintainho* ... O gato quando viu a *galinha* ..... Enquanto isto o *pinto* já estava, o *pássaro* já estava ...." (C1004FP).

#### **(2) Pronominalização**

Lexema1 ---> pronome [Lex.1]

" Andava um *cavalo* a galopar pelos prados ... e então *ele* era muito amigo de toda a gente ..... e então a vaca, como viu que *ele* tinha caído, foi a correr ver o que *lhe* tinha acontecido ....." (H1005FP.CHA)

#### **(3) Anaforização**

Lexema 1 ---> realização 0

"Era uma vez *um cavalo* que andava a correr. E [0] viu um boi. E [0] ficou parado. E depois [0] correu e [0] saltou o muro.... " (H0510MP.CHA).

As três estratégias de manutenção da referência traduzem-se, por sua vez, em cinco cadeias de referência:

(1) Nome <sub>[-def]</sub> ---> Nome <sub>[+def]</sub> ---> Pronome/ 0  
 ex. um cavalo ----> o cavalo -----> ele/ [0] saltou

(2) Nome <sub>[-def]</sub> ---> Nome <sub>[+def]</sub> ---> 0  
 ex. um cavalo ----> o cavalo -----> [0] saltou

(3) Nome <sub>[+def]</sub> ---> Pronome/ 0  
 ex. o gato -----> ele/ [0] olhou

(4) Nome <sub>[+def]</sub> ---> 0  
 ex. o gato -----> [0] olhou

(5) Nome <sub>[+def]</sub>  
 ex. o gato

Analisada a frequência dos tipos de cadeias encontradas, verificou-se que os dois primeiros tipos tinham mais expressão. Trata-se de grupos em que a primeira menção é indefinida, fazendo-se a transição para expressões anafóricas económicas, ou seja, aquelas com alto valor referencial via uso do Nome <sub>[+def]</sub>. Efectuada uma análise que tinha em conta o efeito da história e o efeito da modalidade de narração (oral versus escrita), verificou-se que o segundo tipo de cadeia é duas vezes mais frequente do que o primeiro (dezasseis contra nove referências estudadas). Constatou-se, também, que o tipo de cadeia referencial (1) é mais utilizada nas narrativas orais, enquanto o tipo (2) é preferencial na escrita.

No entanto, nem todas as cadeias anafóricas são totalmente bem sucedidas. Na *História do Gato*, por exemplo, a cadeia rompe-se, por vezes, na referência ao momento em que o cão puxa o gato pelo rabo (C1004FP):

"o gato .... cada vez mais tentado para ir lá buscá-las até que <começou> [!] que quando chegou o cão ele já estava a trepar &a A Arvore #." ou

"D. Ão-Ão, que era amigo de D.Piu chegou chegou na hora H e puxou pelo rabo e D. Piu chega D.Miau foge e D.Ão-Ão vai atrás dele."

Este tipo de "ruptura" pontual mostra que os processos se encontram em aquisição, não estando ainda bem consolidados.

Com base nos dados relativos à aquisição das narrativas orais pelas crianças dos cinco, sete e dez anos de idade (Batoréo, 1996) verifica-se que só aos dez anos se pode falar no estabelecimento destas estratégias como índices de ocorrência comparáveis com os dos falantes adultos. Nas narrativas infantis da *História do Gato*, por exemplo, e numa apreciação inicial global<sup>16</sup>, ao serem mencionados pela primeira vez, os protagonistas da história - o CÃO e o GATO, assim como o PÁSSARO-MÃE e os PASSARINHOS -

podem aparecer referidos tanto pelo determinante definido como pelo indefinido, contrariando, mais uma vez, a ideia inicial de que a introdução de um novo Protagonista implica a apresentação de uma informação nova, isto é, "indeterminada". Observa-se, por conseguinte, que enquanto as crianças de cinco anos têm grande dificuldade na determinação se os animais surgem como definidos ou indefinidos, esta hesitação torna-se menos patente no caso dos adultos que introduzem apenas um quarto dos GATOS e menos de sete por cento dos PÁSSAROS como definidos. A categoria PÁSSARO-MÃE, por ser a primeira a ser introduzida em início absoluto, apresenta menos opções definidas do que as outras duas. Assim, só quarenta por cento das crianças mais pequenas, dez dos sete anos e nenhuma dos dez anos optam pela solução "definida". As crianças de cinco anos optam pelo CÃO "definido", em oitenta por cento, encontrando as de sete e dez anos equilíbrio entre a "definição" e a "não-definição" desta categoria, o que permite concluir que, à medida que as crianças vão crescendo, vão adquirindo a necessidade da expressão da novidade da informação pelo determinante indefinido. A mesma tendência se observa para o GATO, nunca surgindo, no entanto, neste caso, a predominância da definição em relação à indefinição. Enquanto as crianças de cinco anos apresentam equilíbrio entre os dois tipos de referência, nas crianças de sete e dez anos o emprego do determinante indefinido (setenta por cento) tem características quase adultas (76,7 por cento).

É interessante verificar que a categoria AVE/ PÁSSARO - uma categoria protagonista secundária nos dois tipos de narrativas que, como tal, se caracteriza por ocorrência baixa de realização textual e por uma enorme variação ao nível lexical - é a única categoria aparentemente comum às duas *Histórias*. No entanto, uma análise mais pormenorizada que ultrapassa os limites do estritamente linguístico, demonstra que existem características de carácter perceptual (cognitivo) tal como social que diferenciam as duas categorias, aparentemente sinónimas. Se, no caso da *História do Cavalo*, a representação da AVE apresenta organização cognitiva de carácter vertical, o mesmo não se verifica na *História do Gato*. No primeiro caso, a categoria AVE apresenta realizações tanto genéricas ('pássaro', 'ave') como de instanciação ('pombo', 'pomba', 'andorinha', etc.). Observe-se que, no caso da instanciação, o pássaro escolhido é de carácter simbólico - a *pomba* da paz, um mensageiro de "boa nova" - ou então, se a opção for mais física, de um pássaro "que vem do céu", isto é, que apresenta características "aéreas", tal como um(a) *pombo/pomba* ou uma *andorinha*, mesmo que inicialmente tenham sido referidos em função da vedaçã, enquanto lugar de poiso, ou seja, com características aparentemente "terrenas". Pelo contrário, no segundo caso, os pássaros que surgem não têm carácter "aéreo", visto que a sua aparição é considerada em função do Fundo realizado como um lugar ('ninho') que permite traduzir o carácter estativo da vida dos pássaros. Estes surgem como um grupo de características familiares, onde se distinguem os 'filhos' definidos como pertença e objecto de cuidados dispensados pelo pássaro-progenitor. Verifica-se que o PÁSSARO-MÃE é realizado quer em função do seu papel de progenitor ('mãe', 'pai'), quer em função do seu

tamanho destacadamente maior do que o dos filhos ('pássaro grande', 'passarão', enquanto os PÁSSAROS-FILHOS surgem em função da sua dependência paternal ('filhos', 'crias'). Ao nível de instanciação, os pássaros são considerados ao nível familiar e colectivo, isto é, 'pintos', 'patos', 'galinhas', ou 'pardais'. Por conseguinte, às características de ordem "aérea" ou simbólica das aves, patente na *História do Cavalo*, opõem-se as características colectivas e estativas dos pássaros "térreos" da *História do Gato*, onde transparece a sua organização por níveis geracionais: *galinhas - pintainhos* ou *pintos - pintinhos*. Observe-se, também, que esta conclusão pode levar a uma reanálise do conceito do protótipo do *pássaro*, em Português. A diferenciação observada nos casos acima analisados pode levar a pensar que talvez não exista apenas um protótipo do *pássaro*, mas, pelo menos, dois (ou mais?), determinados em contexto funcional do seu habitat "aéreo" ou "térreo", assim como definidos tanto do ponto de vista cognitivo, ao nível da referência genérica ('ave' - 'pássaro') como do ponto de vista sócio-cultural ao nível da instanciação, conforme acima exemplificado.

Quanto à referência nominal é de destacar que nas narrativas escritas da nossa experiência se verificou a existência de nomes próprios atribuídos aos protagonistas, factor inexistente<sup>17</sup> nas narrativas orais. Os nomes que surgem são muito heterogéneos, podendo tratar-se de nomes próprios com origem nos nomes comuns ('Trovão') ou nomes de origem onomatopaica com marcação [+ Masculino] e [+Humano], tais como 'D. Piu', 'D. Miau' ou 'D. ão-ão' (C1004FP).

As narrativas escritas apresentam, igualmente, uma característica específica ausente da oralidade, isto é, a atribuição de um título. O título da história, além do seu carácter puramente descritivo, traduz a relação do narrador com o mundo e a sua concepção e avaliação do comportamento dos protagonistas, por vezes fortemente moralista. A criança procura posicionar-se<sup>18</sup> contra a agressão, colocando-se do lado "politicamente correcto" dos valores estabelecidos e seguros da amizade, solidariedade e família que lhe são transmitidos pela educação formal, tal como o ilustram os seguintes exemplos dos títulos utilizados: "Ai, que gato tão malandro", "O gato ladrão de ninhos", "O que nós não devemos fazer e uma história real", "O cão e o gato malandro", "A salvação na hora H", "A família", "O cão gentil", etc.

Para ilustrar as diferenças que surgem entre as narrativas orais e escritas, veja-se o seguinte exemplo de duas narrativas produzidas pelo mesmo sujeito 1004FP:

#### C1004FP - narrativa oral

"E &um uma vez &uma &umpinti um pintainho # que estava no seu ninho <co (m) as suas> [//] <com os seus> [/] co(m) os seus # pintos <e foi arra> [/] e foi arranjar comida #. O gato <quando> [//] viu a -: galinha <a &s> [//] a voar p(a)ra ir buscar comida # começou a olhar par(a) As crias # cada vez mais tentado para ir lá buscá-las



*até que <começou> [//] que quando chegou o cão ele já (es)tava a trepar &a A Arvore #. depois o cão # quando ele já estava mesmo mesmo a chegar (a)o ninho # aproximou-se e <puxou-lhe> c(om) os seus dentes # o rabo # para ele não comer as crias. enquanto isso <o pinto já estava> [//] <o pint(o)> [//] uh o pássaro já (es)tava a chegar p(ar)a dar # comida aos seus # pintainhos #. e depois # quando ele chegou # o gato &já já ia A fugir # o cão a correr atrás do gato # e # a mãe <f(oi) [//] (es)tava a dar a comida &aos (a)Os &seus &seus # seus filhos [com risos]. @End “ (C1004FP).*

#### C1004FP - narrativa escrita

*“Dois amigos e um gato. D. Piu, tinha acabado de chocar os ovos, derrepente (=de repente) aparecem dos ovos três pintos, D. Piu foi acorrer (= a correr) á (= à) procura de comida para os seus pintos. D. Miau anda por perto a rondar a arvore (= árvore), mal D. Piu virou as costas D. Miau começa a trepar á (= à) arvore (= árvore) D. ão-ãó, que era amigo de D.Piu chegou chegou na hora H e puxou pelo rabo e D. Piu chega D.Miau foge e D.ãó-ãó vai atrás dele. @End” (E1004FP)*

#### Conclusões.

A análise efectuada no presente estudo permite concluir que aos dez anos de idade - e comparando com as faixas etárias mais baixas - se verifica um bom domínio das cadeias referenciais típicas da língua em aquisição. Constata-se uma preferência pela introdução do referente através do Nome [-def], o que - contrariando o hipotético estado de semiactivação e logo de facilidade de acesso - só pode ser explicado por uma predominância de uso de estratégias de literacia específicas que se vai acentuando do oral para o escrito. Embora ainda não as dominem na perfeição, as crianças sabem usar estratégias que visam evitar a ambiguidade ao privilegiar um tipo de cadeia referencial que garante as dependências adequadas. As narrativas produzidas acusam, igualmente, o efeito de modalidade nas estratégias usadas para expressão da referência nominal no oral e no escrito, através do uso de formas discursivas não coincidentes.

Os sujeitos parecem controlar melhor a cadeia referencial na escrita do que na oralidade, visto que a maioria significativa das crianças prefere o emprego da anáfora nula em vez da pronominalização, assegurando, assim, a correferência inequívoca e evitando a leitura disjunta. Este controlo exerce-se, igualmente, pela maior riqueza nominal (o emprego de nomes próprios de origem variada, com recurso a neologismos), pela atribuição de título que transmite preocupação e avaliação moral e pelos primeiros usos de meios linguísticos mais formais ao nível oracional e temporal.

Na manutenção da referência, as crianças aprendem a utilizar a *variedade na nominalização* e a realização zero no processo de *anaforização* (isto é, na criação de

cadeias fóricas de carácter tanto anafórico como catafórico)<sup>19</sup> à medida que se vão libertando do "aqui e agora" da referência deíctica. Tanto a aprendizagem da introdução da referência como a sua manutenção determinam dois factores indissociáveis e indispensáveis para a construção de uma narrativa: a sua *coerência* - em relação ao Universo de Referência - e a sua *coesão* - em relação à narrativa enraizada numa *língua particular conceptualizada como o seu próprio contexto*.

## NOTAS:

1. Cf. Hickmann et al., 1989; Keil & Hickmann, 1992; Slobin, 1989; Hickmann, 1995.
2. "Adquirir as funções internas do discurso e o papel dos meios linguísticos utilizados para tal efeito constitui a capacidade de utilizar a linguagem como o seu próprio contexto, independentemente da língua em aquisição. Esta é a parte essencial do processo em que uma criança se torna falante nativo maduro da sua língua materna" (Hickmann, 1991, 173, tradução nossa).
3. Ver discussão em Kail & Hickmann, 1992, 74-75.
4. "In all domains three recurrent observations are reported that must be taken into account in any model of mother tongue acquisition: (1) relatively late development progression in discourse organisation, (2) interrelations among the utterance and discourse levels of analysis, and (3) a combination of general developmental cognitive patterns as well as language-specific ones. It is postulated that early acquisition is not only based on universal sensorimotor concepts but also on the particular language being acquired" (Hickmann, 1995: 215)
5. Ver os estudos desenvolvidos nos últimos dez anos por M. Bowerman.
6. Hickmann, 1995: 201
7. Vejam-se as noções de "cue strength" e "cue validity" in Bates & MacWhinney, 1985: 41-46.
8. Veja-se, por exemplo, o caso dos verbos de tipo "aparecer" ('aparecer', 'surgir', 'vir', 'chegar', etc.) ou o caso de algumas construções de carácter existencial, tais como as introduzidas pelos verbos 'haver', 'ser' ou pela expressão de carácter pragmático "era uma vez" que seleccionam a pós-posição do sujeito, como em: *Era uma vez um cavalo, Era um cavalo que andava num prado, Apareceu um gato (...)*, etc.
9. "Speakers treat a referent as identifiable if they judge that the words they use to express it will enable the listener to identify it" (Chafe, 1996: 38). Chafe distingue três componentes de "identificabilidade": "(i) the speakers judges that knowledge of the referent in question is already shared with the listener; (ii) the speaker's choice of language that will categorize the referent narrowly enough to reduce all the referents the speaker and listener may share to just those that are instances of the chosen category (...); (iii) the speaker must also judge that this particular referent is the most salient instance of the category within the context in hand" (Chafe, 1996: 38).
10. "An idea can be said to be accessible if the speaker assumes that at this point in the discourse it is semiactive in the listener's consciousness" (Chafe, 1996: 40).
11. "An active idea is one that is in a person's focus of consciousness at that moment (...), a semiactive idea is one that is peripheral consciousness (...), an inactive idea is one that is neither active nor semiactive. It might be in long-term memory, or might never had entered consciousness before" (Chaffe, 1996: 40).
12. "'Less is more', since emptier forms trigger coreference readings, which are more informative. (...). The more 'minimal' de form, the stronger the preference for a coreferential reading" (Ariel, 1996: 13).
13. Chafe (1985), Ariel (1996) e Hildyard e Hidi (1985).

14. Simultaneamente, levantou-se um *corpus* escrito mais alargado de outras vinte e oito crianças que se encontravam na mesma situação experimental. Não se dispõe, no entanto, de um *corpus* oral paralelo relativo às mesmas crianças. A análise efectuada no presente estudo não contempla este *corpus* escrito alargado, salvo em momentos de análise comparativa pontual apresentados mais à frente.
15. Agradecemos, aqui, à Rita Veloso a contribuição para a elaboração de regras de transcrição do texto escrito que efectuou em 1994.
16. A referência nominal no caso da *História do Cavalo* foi objecto de estudo pormenorizado, por exemplo, em Batoréo e Faria (1994), em que se discutiu a ocorrência de cadeias lexicalizadas de tipo - 'vaca' - 'touro' - 'boi' tanto ao nível intra como intertextual.
17. Salvo um único caso (0510FP) de entre os sessenta sujeitos testados em Batoréo, 1996.
18. Na exemplificação aqui apresentada utilizamos os nomes das narrativas que surgem no *corpus* escrito alargado atrás mencionado.
19. Nos estudos de Hickmann, as relações deícticas e cadeias fóricas são referidas como *exofóricas* e *endofóricas*: "Exophoric uses typically point to and presuppose some parameter of the immediate nonlinguistic situation, endophoric ones some discourse-internal aspect of the context" (Hickmann, 1995, 196).

#### BIBLIOGRAFIA:

- ARIEL, M. 1996 "Referring Expressions and +/- coreference distinction", in: Fretheim, Th. & J. Gundel (eds.) (1996)
- BATES, E. & B. MACWHINNEY 1989 "Functionalism and the Competition Model", in: B. MacWhinney & E. Bates (eds.), *The Cross-Linguistic Study of Sentence Processing*, Cambridge: Cambridge University Press.
- BATORÉO, H. J. 1996 *Contribuição para a Caracterização da Interface Expressão Linguística - Cognição Espacial no Português Europeu. Abordagem Psicolinguística da Expressão do Espaço em Narrativas Provocadas* 2 volumes, Dissertação de Doutoramento, FLUL, Lisboa, 1996.
- BATORÉO, H. J. & I. H. FARIA, 1994 "'A Vaca É o Boi ou o Touro?' - Estudo Sobre a Variação em Referência Nominal nas Narrativas em Português Europeu", *Actas do X Encontro de Associação Portuguesa de Linguística*, 69-92.
- BATORÉO, H. J. e A. COSTA, 1997 "Reference Mechanisms in Children's Oral and Written Narratives at the Age of Ten", apresentado no *5th International Congress of the International Society of Applied Psycholinguistics*, Porto, 25-28 Junho, 1997.
- BERMAN, R. & D. I. SLOBIN, 1994 *Different Ways of Relating Events in Narrative: A Crosslinguistic Developmental Study*. Hillsdale, NJ.: Lawrence Erlbaum Associates.
- BOWERMAN, M. 1985 "What Shapes Children's Grammars?" in: Slobin (ed) (1985).
- BOWERMAN, M. 1989 "Learning a Semantic System: What Role Do Cognitive Predispositions Play?" in: M. L. Rice and R. L. Schiefelbusch (eds.) *The Teachability of Language*. Baltimore, Paul H. Brooks; in: Bloom (ed). (1993), 329-363.

- BOWERMAN, M. 1996 "The Origins of Children's Spatial Semantic Categories: Cognitive versus Linguistic Determinants" in J. Gumperz & S. C. Levison (eds.) *Rethinking Linguistic Relativity*, Cambridge: CUP, 145-176.
- COSTA, M. A. & I. H. FARIA 1996 "Stratégies de Parsing et Coûts de Traitement des Structures Syntaxiques avec Constituantes Déplacés en Portugais Européen", poster apresentado no *AILA 96 Congress*, Finlândia.
- CHAFE, W.L. (1996). "Inferring identifiability and accessibility", in: Fretheim & Gundel (eds.) (1996).
- CHAFE, W.L. (1985). "Linguistic differences produced by differences between speaking and writing", in: Olson et al. (eds.) (1985).
- CHOI, S. & BOWERMAN, M. 1991 "Learning to Express Motion Events in English and Korean: The Influence of Language-Specific Lexicalization Patterns". *Cognition*, 41, 83-121; Reprinted in: Levin & Pinker (eds.) (1991), 83-122.
- COSTA, M. A. & I. H. FARIA (1996). "Stratégies de Parsing et Coûts de Traitement des Structures Syntaxiques avec Constituantes Déplacés en Portugais Européen", *AILA 96 Congress*, Finlândia.
- DUCHAN, J. F. et al. (eds.) 1996 *Deixis in Narrative. A Cognitive Science Perspective*, Lawrence Erlbaum Associates, Inc, Hillsdale, NJ, Hove, UK.
- FRETHEIM, Th. & J. Gundel (eds.) (1996). *Reference and Referent Accessibility*, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- GIVÓN, T. 1983 "Topic continuity in discourse: The Functional Domain of Switch Reference", in Haiman, J. & P. Munro (eds.) *Typological Studies in Language, vol.2. Switch-Reference and Universal Grammar* (51-82), Amsterdam, John Benjamins.
- HALMARI, H. (1996). "On Accessibility and Co-reference" in Stretheim, Th. & J. K. Gundel (eds.) *Reference and Reference Accessibility*, J. Benjamins Publishers Company, Amsterdam.
- HILDYARD, A. & S. HIDI (1985) "Oral-written differences in the production and recall of narratives", in: Olson et al. (eds.) (1985).
- HICKMANN, M. (1995). "Discourse Organization and the Development of Reference to Person, Space and Time", in P. Fletcher & B. MacWhinney (1995) *The Handbook of Child Language*, Basil Blackwell Ltd., 194-218.
- HILDYARD, A. & S. HIDI 1985 "Oral-written differences in the production and recall of narratives", in: Olson et al. (eds.) (1985)
- KAIL, M. & M. HICKMANN 1992 "French Children's Ability to Introduce Referents in Narratives as a Function of Mutual Knowledge", *First Language*, 12, 73-94.
- MACWHINNEY, B. 1994 *The CHILDES Project: Tools for Analysing Talk*, Department of Psychology, Carnegie Mellon University, Pittsburgh.

- OLSON, D., N. Torrance and A. Hildyard (eds.) *Literacy, Language and Learning*, Cambridge: Cambridge University Press.
- SLOBIN, D. 1989 "Factors of language typology in the crosslinguistic study of acquisition", Department of Psychology, University of California at Berkeley.
- SLOBIN, D. I. (ed.) 1985/ 1992 *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition*. Vol. 1 & 2 - 1985, Vol. 3 - 1992. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- SMOCZYNSKA, M. 1992 "Developing Narrative Skills: Learning to Introduce Referents in Polish", *Polish Psychological Bulletin*, 1992, vol. 23 (2) 103-120.
- TOMLIN, R. W. (ed.) 1987 "Linguistic Reflections of Cognitive Events", in R.W. Tomlin (ed.), *Typological Studies in Language: Vol 2, Coherence and Grounding in Discourse* (455-480) Amsterdam, Philadelphia, Benjamins.